

# A MANSIDÃO QUE VENCE O MUNDO

**E**ste novo mês chega ao nosso encontro em um clima de expectativa e contrastes. Enquanto os olhos do planeta se voltam para a grande final da Copa do Mundo, no dia 19, celebrando o triunfo do esforço humano e a união das nações em torno de um gramado, a liturgia de julho nos convida a olhar para um tipo diferente de vitória: aquela que não se conquista com exércitos, carros de guerra ou placares, mas com a mansidão e a fé.

A liturgia de todo este período é um bálsamo para um tempo marcado por ruídos e polarizações. Exemplo disso vem do profeta Zacarias (cf. 9,9-10) quando nos apresenta o Messias que entra em Jerusalém não montado em um cavalo de raça, símbolo de poderio militar, mas “simples e montado num jumento”. É o Rei que “suprimirá os carros de guerra” e “proclamará a paz entre as nações”. Em um mundo que ainda tenta resolver diferenças pela força, Jesus se apresenta como o “manso e humilde de coração”, oferecendo repouso para as almas aflitas sob o fardo do legalismo e da violência.

A proposta de “vinho novo em odres novos” (cf. Mt 9,17) exige de nós uma mudança de mentalidade. O Evangelho nos mostra que a fé não é um ato isolado. É a fé da comunidade que carrega o paraplégico até Jesus. É a oração e o cuidado que curam não apenas o corpo, mas a alma. Em contrapartida somos alertados pela

parábola do joio e do trigo (cf. 16º Domingo do Tempo Comum, em 19 de julho) sobre a nossa impaciência. Frequentemente, queremos “arrancar o joio” do mundo e do coração alheio com pressa, esquecendo que a paciência de Deus é o que permite a nossa própria conversão. Como nos ensina a liturgia, o mal não vem de Deus, mas nasce quando cedemos ao egoísmo; cabe a nós, como o semeador, cultivar a “terra boa” para que a Palavra produza frutos a cem por um.

Neste mês, celebramos também o VI Dia Mundial dos Avós e dos Idosos (26 de julho), sob o tema “Eu nunca te esquecerei”. Em uma sociedade que muitas vezes descarta o que não parece “produtivo”, a Igreja nos recorda que a sabedoria, aquela que Salomão pediu a Deus em vez de riquezas, reside na memória e no afeto. Os idosos são os “tesouros escondidos” e as “pérolas de grande valor” que devemos proteger. Que a Virgem do Monte Carmelo, cuja festa celebramos no dia 16, ensine a nós o valor do “sim” incondicional. Que, a exemplo de Maria Madalena, tenhamos a coragem de buscar o Senhor mesmo quando ainda está escuro, tornando-nos operários de uma messe que é grande e urgente. Que este julho seja o tempo de trocar a espada pela paz desarmada e o orgulho pela simplicidade do jumentinho, pois é na humildade que o Reino de Deus verdadeiramente se manifesta entre nós. ●



*Ave Maria*

*128 anos*

## Notas Marianas

### SINAL DA CRUZ

**F**azemos o sinal da cruz para lembrar que fomos salvos pela cruz de Cristo (cf. 1Jo 3,5; 4,10) e batizados em nome do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19). É uma prática muito antiga da Igreja, pois já no século II Tertuliano recomendava: “Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando vamos nos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, persignamo-nos a testa com o sinal da cruz” (160-220 d.C.).